

## DOCUMENTAÇÃO

### Uma introdução à encíclica “Laudato si” (1)

A encíclica (Carta Encíclica “Laudato si” do Papa Francisco, “LS”, 24.5.2015) aborda aspetos relativos à ecologia, indo a pormenores concretos, com que o Papa exemplifica a sua mensagem de esperança que nos convida a viver o Evangelho da Criação. O núcleo central é o capítulo segundo, com as verdades de fé que devem mover e orientar a ação do cristão. A originalidade está no capítulo seis, expondo a nova cultura que nasce do compromisso da nossa fé.

#### Comentário-Resumo

As palavras escolhidas pelo Papa Francisco para iniciar a sua encíclica, tomadas do canto às criaturas de São Francisco de Assis, põem em evidência a atitude do homem e, concretamente, do cristão, de admiração perante a criação, como uma criança que contempla cheio de orgulho as obras do seu Pai. Uma admiração que leva a louvar, dar graças a Deus, que nos deu o presente da criação. Para um cristão, o cuidado com o ambiente não é uma ação opcional ou extra, mas algo de extrema importância, porque se refere ao cuidado do lugar que o seu Deus Pai lhe deu como lar, a sua casa. Precisamente, a palavra ecologia deriva do grego *oikos*, que significa casa, lar. O subtítulo da encíclica sublinha este facto: “O cuidado da casa comum”. E apresenta uma ideia que permeia toda a encíclica: o cristão não está sozinho, a sua filiação fá-lo sentir-se irmão de todos os homens, o cuidado da casa é uma tarefa que partilhamos com todos eles, igualmente com as gerações futuras que, como numa família, são as que impulsionam a melhorar o ambiente do lar para acolhê-las do melhor modo possível.

A convicção de ter recebido este presente de Deus, faz com que “nada deste mundo nos seja indiferente” (“LS” 3), porque todas as “criaturas no seu próprio ser, refletem, cada uma a seu modo, um raio da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. Por isto, o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura para evitar um uso desordenado das coisas” (“Catecismo da Igreja Católica” 339). Os cristãos perante o grande presente da criação sentem-se “chamados a ser os instrumentos de Deus Pai, para que o nosso planeta seja o que Ele sonhou e responda ao seu projeto de paz, beleza e plenitude” (“LS” 53). Esta

convicção leva o cristão a ser protagonista na primeira linha dos cuidados para com o ambiente.

#### O estado da nossa casa

A Igreja não é alheia à crescente preocupação com o problema ecológico. Basta ver que, na encíclica, se citam mais de 14 documentos de diversas conferências episcopais sobre o tema. O primeiro capítulo da encíclica centra-se nos diferentes temas que provocam inquietação relativamente ao ambiente, daquilo que afeta a nossa casa. Não se pretende fazer uma descrição completa e pormenorizada dos problemas, mas tomar consciência e “converter em sofrimento pessoal o que se passa no mundo, e reconhecer assim qual é a contribuição que cada um pode dar” (“LS” 19). É normal que um filho se preocupe ativamente e sofra com os problemas do seu lar.

A encíclica convida a uma investigação séria e honesta que permita conhecer as causas dos problemas e evitar descrições parciais – movidas, às vezes, por interesses particulares -, que escondem a verdade dos problemas. Entre os que são enumerados, há um que chama a atenção por ser considerado muitas vezes como um problema ecológico, mas que é coerente com a ideia de cuidar a nossa casa comum: a “deterioração da qualidade da vida humana e degradação social” (“LS” 43-47). Os homens fazem parte do grande presente da criação, e o empenho pelo ambiente tem de ter “em conta que o ser humano também é uma criatura deste mundo, que tem direito a viver e a ser feliz, e que, além disso, tem uma dignidade muito especial” (“LS” 43). A degradação ambiental afeta a vida de muitos seres humanos que são nossos irmãos.

#### O Evangelho da Criação

O Papa não pretende avançar com soluções nem envolver-se em teorias científicas sobre as causas, mas sim que, convencido da sua missão e das exigências da nova Evangelização, deve “sair” com a Igreja para anunciar o Evangelho a todos os homens, iluminando o sentido do seu agir (cfr. “LS” 64). No segundo capítulo, expõe “algumas razões que decorrem da fé judaico-cristã, a fim de procurar uma maior

coerência no nosso compromisso com o ambiente” (“LS” 15) e propõe “algumas linhas de amadurecimento humano inspiradas no tesouro da experiência espiritual cristã” (“LS” 15, que permitam efetuar as mudanças que o desafio ecológico suscita.

### Criação, ato de amor de Deus Pai

“A criação só pode ser entendida como um dom que surge da mão aberta do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos convoca para uma comunhão universal” (“LS” 76). Esta ação divina provém “de uma decisão, não do caos ou da casualidade, o que o enaltece ainda mais. Existe uma opção livre expressa na palavra criadora. O universo não surgiu em resultado de uma onipotência arbitrária, de uma demonstração de força ou de um desejo de autoafirmação. A criação é da ordem do amor. O amor de Deus é a causa fundamental de tudo o criado” (“LS” 77). Por isso, “cada criatura tem um valor e um significado” (“LS” 76), nenhuma delas é fruto do acaso, mas de um querer divino. O homem é depositário deste dom de Deus. É ao homem a quem Deus confia a criação para trabalhá-la e tomar conta dela, sem esquecer que também lhe confia o cuidado a ter para com os seus irmãos, os homens.

A relação estreita entre o cuidado do ambiente e a responsabilidade para com os outros é um ponto a que o Papa Francisco se refere em diversos lugares da encíclica, para mostrar a incoerência de um empenho em salvar a criação material, quando se descuida o cuidado para com os restantes seres humanos. Opõe-se ao controlo demográfico como solução para o problema ambiental (“LS” 50); denuncia a incoerência de quem desenvolve uma luta pelas espécies animais ou vegetais e não se empenha em defender a igual dignidade entre os seres humanos, atentando até, por vezes, contra direitos de outras pessoas (“LS” 90-91); salienta a incapacidade de alguns para reconhecer o valor de um pobre, de um embrião humano, de um deficiente (“LS” 117); mostra a incompatibilidade da defesa da natureza com a justificação do aborto (“LS” 120); revela a sua preocupação quando alguns movimentos ecologistas defendem a integridade do ambiente e reclamam limites à investigação científica, mas não aplicam estes princípios quando se referem à vida humana, justificando o ultrapassar todos os limites quando se fazem experiências com embriões humanos vivos (“LS” 136).

A tarefa do homem de trabalhar e cuidar do que for criado é a de um “administrador responsável” (“LS” 116). Isso significa que o domínio do homem sobre a natureza não é um domínio absoluto, mas participado. O mundo não é uma *res nullius* – algo que não tem dono – mas *res omnium* – património da humanidade; o seu uso deve redundar em benefício de todos (Cfr. “Gaudium et Spes” 69). O conceito de administrador pode ser limitado e dar a ideia de que o homem é um operário que efetua uma tarefa. Não, o Papa Francisco insiste em que o cuidado do ambiente é um ato de reconhecimento do criador, pois “ao mesmo tempo que podemos fazer um uso responsável das coisas, somos chamados a reconhecer que os restantes

seres vivos têm um valor próprio perante Deus e ‘pela sua simples existência, o abençoam e o glorificam’” (“LS” 69). O homem a trabalhar e a tomar conta do que for criado glorifica Deus, quando responde a Deus pelo presente da criação. A doação é mais perfeita quando o destinatário está consciente da mesma e é capaz de a aceitar e de a agradecer. Aceita-se realmente não só ao receber o que é doado, mas quando se presta reconhecimento à pessoa que doa, quando se identifica a própria vontade com a vontade da parte do doador. A boa administração leva a exigir ao homem, enquanto imagem de Deus, que venha a participar da sua Sabedoria e da sua Soberania sobre o mundo (cfr. São João Paulo II, “Evangelium vitae” 42), isto é, que se venha a relacionar com a terra com a mesma atitude do Criador, que não só é Onipotente, como também é Providência amorosa (cfr. São João Paulo II, “Redemptor hominis” 15). O homem recebe o poder de dominar o mundo para o aperfeiçoar e o transformar “numa bela morada onde tudo seja respeitado” (Beato Paulo VI, “Discurso à Conferência Internacional sobre o ambiente”, 1.6.1972). Através do homem, torna-se visível e efetiva a providência de Deus sobre o mundo.

Para conseguir uma “administração responsável” exige-se o esforço por conhecer a verdade de toda a criação, do seu valor e do seu significado, através de um conhecimento não só científico, como também metafísico e teológico, e o trabalho para conduzir a criação ao destino querido por Deus (cfr. São João Paulo II, “Sollicitudo rei socialis” 34). Só assim, o homem poderá reconhecer os limites do seu agir. O primeiro limite da ação humana sobre o mundo é o próprio homem, pois “não deve utilizar a natureza contra o seu próprio bem, o bem dos seus próximos e o bem das futuras gerações (...). O segundo limite são os seres criados, isto é, a vontade de Deus expressa na sua natureza. Ao homem não lhe é permitido fazer o que quiser e como o quiser com as criaturas que o rodeiam. Pelo contrário, o homem deve ‘cultivar isso’ e ‘tomar conta disso’, como ensina a narração bíblica da criação (‘Génesis’ 2,15). O facto de Deus ter ‘dado’ ao género humano as plantas para comer e o jardim ‘para ser cuidado’, implica que a vontade de Deus deve ser respeitada quando se trata das suas criaturas. Estão ‘confiadas’ a nós e não simplesmente à nossa disposição. Por este motivo, o uso dos bens criados implica obrigações morais” (São João Paulo II, “Discurso”, 18.5.1990, n. 4).

### O mistério de Cristo

“A harmonia entre o Criador, a humanidade e tudo o que foi criado, tem sido destruída porque [os homens] pretenderam ocupar o lugar de Deus, negando-se a reconhecerem-se como criaturas limitadas. Este facto desnaturalizou também o mandato de ‘dominar’ a terra (cfr. ‘Gn’ 1, 28) e de ‘a trabalhar e de a cuidar’ (‘Gn’ 2, 15)” (“LS” 66). O Evangelho da criação recorda-nos a realidade do pecado, que a bondade de toda a criação foi contaminada pelo mau uso da liberdade do homem. O mal no mundo foi introduzido pelo homem, não provém de Deus. Mas o mal não tem a última palavra, é possível a

salvação, porque Deus “decidiu abrir um caminho de salvação” (“LS” 71). O Pai, que nos tinha oferecido todos os bens saídos das suas mãos, também nos promete a salvação: “o Deus que liberta e salva é o mesmo que criou o universo, e esses dois modos divinos de atuar estão íntima e inseparavelmente ligados” (“LS”).

O plano de salvação de Deus consiste no envio do seu Filho. “A compreensão cristã da realidade, o destino de toda a criação passa pelo mistério de Cristo, que está presente desde a origem de todas as coisas: ‘Tudo foi criado por ele e para ele’ (‘Colossences’ 1, 28). O prólogo de ‘João’ (1, 1-18) mostra a atividade criadora de Cristo como Palavra divina (*Logos*). Mas este prólogo surpreende pela sua afirmação de que esta Palavra ‘se tornou carne’ (‘Jn’ 1,14). Um dos componentes da Trindade inseriu-se no cosmos criado, correndo a sua sorte com ele até à cruz. Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da encarnação, o mistério de Cristo opera misteriosamente no conjunto da realidade natural” (“LS” 99).

O Filho de Deus assumiu a nossa condição humana, habitou entre nós, trabalhou com as suas mãos, contemplou as maravilhas do seu Pai, mas não só como também “ressuscitado e glorioso, [está] presente em toda a criação com o seu senhorio universal: ‘Deus quis que nele residisse toda a Plenitude. Por ele quis reconciliar consigo tudo o que existe na terra e no céu, restabelecendo a paz pelo sangue da sua cruz’ (‘Col’ 1, 19-20). Isto projeta-nos para o fim dos tempos, quando o Filho entrega ao Pai todas as coisas e ‘Deus é tudo em todos’ (‘1 Coríntios’ 15, 28). Desse modo, as criaturas deste mundo já não se nos apresentam como uma realidade meramente natural, porque o Ressuscitado envolve-as misteriosamente e orienta-as para um destino de plenitude. As mesmas flores do campo e as aves que Ele contemplou admirado com os seus olhos humanos, estão agora cheias da sua presença luminosa” (“LS” 100).

Esta salvação não é só uma obra divina, pois “Deus, que quer atuar connosco e contar com a nossa cooperação, também é capaz de retirar algum bem dos males que nós realizamos, porque ‘o Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis’ (São João Paulo II, ‘Catequese’ 6; 24.4.1991). E de algum modo quis limitar-se a si mesmo ao criar um mundo necessitado de desenvolvimento, onde muitas coisas que consideramos males, perigos ou fontes de sofrimento, na realidade são parte das dores de parto que nos estimulam a colaborar com o Criador” (“LS” 80). Esta ideia é o núcleo da mensagem de esperança que o Papa quer enviar com a encíclica: “A humanidade ainda possui a capacidade de colaborar para construir a nossa casa comum, porque o Criador não nos abandona, nunca fez marcha atrás no seu projeto de amor, não se arrependeu de nos ter criado” (“LS” 13).

Tendo Cristo como modelo do atuar do homem (cfr. “GS” 24), e em especial do cristão, o Papa propõe “o ideal de harmonia, de justiça de fraternidade e de paz” (“LS” 82), que deve reger a “administração responsável”, recordando que o “domínio” do homem sobre o que foi criado deve ter em conta as palavras de Jesus: “Os poderosos das nações dominam-nas como senhores

absolutos, e os grandes oprimem-nas com o seu poder. Que não seja assim entre vós, mas que aquele que queira ser grande, seja o servidor” (“Mateus” 20, 25-26). Deste modo, as tarefas – o estudo, a ciência, a investigação, a tecnologia, o trabalho manual, os trabalhos domésticos – com as quais o homem responde ao dom divino da criação, estarão sempre orientadas para o serviço de todos os homens.

## Um novo olhar

Uma vez anunciado o Evangelho da criação, o Papa Francisco, no terceiro capítulo, convida a que se “chegue às raízes da atual situação, de modo que não olhe-mos apenas para os sintomas, como também para as causas mais profundas” (“LS” 15) dos problemas ambientais. Tendo em conta todas as implicações que proporciona a luz da fé para o cuidado da nossa casa comum, podem-se valorizar melhor certos aspetos que estão intimamente relacionados com a “administração responsável” e que, por não estarem orientados segundo uma visão integral, provocaram e são causa dos problemas enunciados no primeiro capítulo. O ponto central pode-se resumir na frase: “não há ecologia, mas sim uma adequada antropologia” (“LS” 118). A tecnologia, a ciência, a investigação e a inovação, o trabalho, os problemas sociais, são temas que têm como protagonista o ser humano. A crescente preocupação com o ambiente em todo o mundo leva a reconhecer tanto a responsabilidade do homem pelos abusos que fez no ambiente, como a necessidade de que o homem procure e proponha soluções para os problemas ecológicos.

O Papa valoriza a importância e a necessidade do desenvolvimento da tecnologia, das ciências, etc., mas faz notar também as repercussões negativas que estas tiveram sobre o ambiente e a família humana. A tecnologia e as ciências devem reconhecer um âmbito ético que as precede. A tecnologia e a ciência não são capazes de assegurar, por si mesmas, o progresso, o aumento de segurança, de utilidade, de bem-estar, de energia vital, de plenitude dos valores, porque a realidade, o bem e a verdade não brotam espontaneamente do poder tecnológico e económico. A história demonstrou que “o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder” (“LS” 84), “porque o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano em responsabilidade, valores, consciência” (“LS” 105). O Papa convida a refletir sobre o desenvolvimento, a contemplá-lo com “outro olhar”, que seja capaz de ver a conexão deste com o desenvolvimento da humanidade e o serviço que presta ao mundo.

O bom uso da tecnologia e das ciências exige uma mudança nas pessoas, reconhecer que “o homem é para si mesmo um dom de Deus e, portanto, deve respeitar a estrutura natural e moral de que foi dotado” (“LS” 115).

O novo olhar que Francisco propõe, pode ser resumido deste modo: “Quando o pensamento cristão reclama um valor peculiar

ao ser humano acima das restantes criaturas, dá lugar à valorização de cada pessoa humana, e assim provoca o reconhecimento do outro. A abertura a um 'tu' capaz de conhecer, amar e dialogar continua a ser a maior nobreza da pessoa humana. Por isso, para uma adequada relação com o mundo criado, não é necessário debilitar a dimensão social do ser humano e muito menos a sua dimensão transcendente, a sua abertura ao 'Tu' divino. Isso porque não se pode propor uma relação com o ambiente isolada da relação com as restantes pessoas e com Deus. Seria um individualismo romântico disfarçado de beleza ecológica e um asfixiante confinamento na imanência" ("LS" 119).

Tema central para uma visão integral do empenho ecológico é o trabalho. "Se tentamos pensar quais são as relações adequadas do ser humano com o mundo que o rodeia, emerge a necessidade de uma correta conceção do trabalho, porque se falamos sobre a relação do ser humano com as coisas, surge a pergunta pelo sentido e pela finalidade da ação humana sobre a realidade. Não falamos apenas do trabalho manual ou do trabalho com a terra, mas de qualquer atividade que implique alguma transformação do existente, desde a produção de um relatório social, até ao desenho de um desenvolvimento tecnológico" ("LS" 125). Qualquer forma de trabalho tem por detrás uma ideia sobre a relação que se estabelece do ser humano com o mundo, com os outros e com Deus.

[Continua na próxima edição do "Correio da AESE"]